



Gaiato

AVENÇA

29 de Março de 1975 * Ano XXXII — N.º 810 — Preço 2\$00

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

* Director: Padre Luiz

EDITORIAL

P Á S C O A

Noutro lugar os nossos Rapazes de Setúbal dizem o que entenderam dizer sobre a violência de que foi vítima a sua Comunidade por parte de uns certos salvadores, das muitas espécies deles que abundam por aí procurando impor a sua salvação.

Nós somos de Cristo, o Salvador. Aquele que Se oferece, mas não obriga; que bate, mas não força portas; que é a Luz, mas não encandeia os que preferem as trevas da sua torre de marfim; que é a Verdade e sofre a mentira; que é Bom e padece de injustiça; que ensina a conformação e prega o inconformismo; que é a Liberdade para os que A procuram de coração sincero.

E não somos muito afectos às leis confeccionadas ao arbítrio dos homens e dos tempos, porque temos uma Lei eterna, a de Deus, definitivamente esclarecida por Cristo e guardada, sem redacção jurídica, nas páginas do Evangelho.

A nossa Lei é viva. Milénios passaram; outros passarão — Ela permanece. Como diz a legenda que Pai Américo mandou gravar na pedra do cruzeiro desta Aldeia de Paço de Sousa: «Cruz stat dum mundus volvitur». Sim o mundo dá muitas voltas e torna ao mesmo. Se a Cruz fosse o eixo, teríamos um ordenado e progressivo movimento de rotação. O mundo ir-se-ia afinando e pulindo. Seria mais justo e mais belo de geração em geração. Assim, temos reviravoltas...

Não andamos atrás de novidades nem cultivamos a última moda. Ao nosso alcance está a Boa-Nova, «tesouro inesgotável de coisas velhas e novas» que o tempo revaloriza e cada idade descobre com a alegria de quem sabe por si.

A nossa Lei não é de auto-suficientes nem de menores. Refere tudo o que é essencial à vida; e deixa ao Homem uma grande amplitude de acção. Este o seu preço, o seu risco: o da liberdade do Homem, que pode errar, mesmo vendo bem, se não se desembaraça da névoa das suas paixões.

O que falta no mundo não são sistemas, são homens capazes de viver em sintonia com o seu pensamento, depois de o rectificarem no Pensamento de Deus expresso no Seu Verbo. Cristo

Cont. na QUARTA página



A xilogravura que dois dos nossos Rapazes fizeram como aplicação das suas aulas de Estética Gráfica, leva-nos a Emaús.

«No primeiro dia da semana» (Lc. 24/1), isto é, no próprio

Domingo da Ressurreição, «dois dos discípulos iam a caminho de Emaús e conversavam sobre tudo o que acontecera. Enquanto conversavam e discutiam, acercou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os

seus olhos, porém, estavam impedidos de O reconhecerem. Disse-lhes Ele: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto andais?» Pararam entristecidos e um deles, de nome Cléofas, respondeu: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou nestes dias?» Perguntou-lhes Ele: «Que foi?» Responderam-Lhe: «O que se refere a Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo; de como os príncipes dos sacerdotes e os nossos chefes O entregaram, para ser condenado à morte e crucificado. Nós esperávamos que fosse Ele Quem libertasse Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas... Verdade é que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram perturbados, porque foram ao sepulcro, de madrugada e não Lhe achando o corpo, vieram dizer que Lhe apareceram uns anjos que afirmavam que Ele vivia. Então uns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres haviam dito. Mas a Ele, não O viram».

Jesus disse-lhes então: «Ó homens sem inteligência e lentos de espírito em crer em tudo quanto os profetas anunciaram! Não tinha o Messias de sofrer essas

Comunicado dos Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal

Em virtude da realização da 1.ª Assembleia Geral de Setúbal, realizada no passado Domingo, dia 2 de Março de 1975, vêm os rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal chamar a atenção de todos para as manobras pouco claras dos elementos do M. J. T. (Movimento da Juventude Trabalhadora) e do M. D. M. (Movimento Democrático das Mulheres), no sentido de se apoderarem de tudo o que compõe esta Casa do Gaiato, que é fruto do trabalho de todos os rapazes e das ajudas de muitas pessoas que sempre se interessaram pelos problemas dos mais Pobres.

Resolveram os rapazes comunicar o seguinte:

1.º — Não mais permitir a entrada em nossa Casa a pessoas que venham com intenções de politizar os rapazes com as ideias dos seus partidos, dado que cada um é livre em escolher o partido que mais lhe convenha;

2.º — Não mais permitir a entrada em nossa Casa a pessoas que se digam credenciadas e apoiadas por qualquer órgão político ou oficial, sem que essa credencial seja por nós comprovada;

3.º — Não mais permitir a entrada em nossa Casa a pessoas que venham com o interesse de manobrar os rapazes, prometendo-lhes mundos e fundos, aproveitando-se da sua

falta de experiência, para conseguir os seus propósitos;

4.º — Permitimos, sim, a entrada a pessoas que venham com recta intenção de nos conhecer, de nos ajudar e de querer colaborar connosco. Para estes, sim, somos «A Porta Aberta». Esta verdade prova-o os milhares e milhares de pessoas que nos visitam;

5.º — Como reconhecemos as manobras ardilosas do M. J. T. e do M. D. M., exigimos um rigoroso inquérito quanto à legalidade das suas credenciais e que publicamente sejam desmascaradas as suas intenções;

6.º — A fim de que não haja quaisquer dúvidas entre a Casa do Gaiato e a Fragata D. Fer-

nando, informamos que a Casa do Gaiato é uma Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes, uma Obra onde se vive em família, uma Obra onde o rapaz é a pedra de toque de toda a vida da Casa. A Fragata D. Fernando é uma Instituição de Beneficência; e por isso os problemas de ambas não podem ser tratados lado a lado, dado que uma, a Fragata D. Fernando, é uma instituição do Estado, a outra, a Casa do Gaiato, é uma obra do Povo onde a participação do Estado é senão nula, quase nula. O ponto onde as duas podem coincidir, será somente no facto de ambas se destinarem a rapazes;

Cont. na QUARTA página

Cont. na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

O FÉLIX — Há tanto tempo que o Félix andava atrás de mim para poder ir até à mata acompanhado. Até me procurava nos recantos mais escondidos da nossa quinta, pois tinha receio de ir sozinho.

Agora, porém, realizou-se o seu desejo, quando uma tarde eu precisava de lá ir apanhar mimosas para enfeitar a minha casa.

Fomos de mãos dadas por atalhos... Nas costas, Félix levava a grande sacola com os livros que pouco antes trouxera da escola; e falava-me da sua nova professora e das marotices já pregadas. Félix é uma criança muito difícil. Eu, muitas vezes, quase não o entendo, mas admiro o seu coração tão generoso. E neste dia ele falava-me com profundo reconhecimento.

Chegámos ao auge da mata e logo o Félix me desafiou — qual de nós apanharia num prazo de alguns minutos maior braçado de mimosas. Eu ria-me perdidamente, mas a verdade é que pelo seu jeito de querer disputar mesmo a sério, influenciava-me a aceitar o seu desafio. Ganhei; mas eu não quis tirar-lhe a alegria e nada dissemos um ao outro. Assim descemos, até junto à casa da mata e daqui, depois de bem escolhidas as mimosas, dirigimo-nos para casa.

Pela escadaria púnhamos atrás dos quadros um nadinha e nas jarras um outro tanto...

No fim, Félix pediu-me que pusesse o nosso passeio no jornal, pois gostaria de lá ver o seu nome.

Afinal aqui está o motivo de ele não querer ir à mata sozinho nem que eu também não fosse.

Está feita a tua vontade. Gostas, Félix?

VISITA — Na passada quarta-feira, dia 12 de Março, o «Bombeiro», «Tiçoco» II, Sabino, «Caneco» e outros mais, organizaram uma visita espectacular, a maior dos últimos tempos, à nossa tipografia.

Sendo «Bombeiro» o organizador principal e o «Caneco» o oficial-às-ordens, dirigiram-se silenciosamente aos balneários a fim de vestirem o «POP», cão tremendamente gigantesco. Decidiram, então, fazer uma inesperada e inconfundível digressão à tipografia.

«POP» tinha no dorso uma camisola amarela dos comandos, no rabo uns calções brancos compridos e justinhos no qual tudo lhe dava um ar de certa importância e respeito para com a sua pessoa.

Assim «viu» e «estudou» todas as secções de trabalho e lá em cima no escritório do Júlio fez seriamente uma visita «protocolar».

A porta foi aberta repentinamente e com jeitos de muito pouco barulho sem que alguém se apercebesse do caso.

«POP» deu, então, voltas à secretária do Júlio, parou, e fez com certa elegância saudações especiais.

Muitas interrogações lhe foram feitas, às quais respondeu pronta e acertadamente com um abanar de cabeça.

Mais tarde o animal foi chamado por alguém com um sinal que ele fa-

cilmente reconheceu e retirou-se calmamente, deixando toda a gente pasmada e num sururu prolongado.

Esta visita foi, sem dúvida alguma, a maior surpresa das surpresas registadas ultimamente em nossa Casa.

POEMA AO TREVO

«Se poeta sou
Sei a quem o devo».
Ai quem me dera
Viver como o trevo!

«Da tua vida rude
Colhi poesias».
Ai quem me dera
Ter tua harmonia!

Se a vida é beleza
Eu não a entendo.
Ai quem me dera
Viver em certeza!

Tu que algo tens
Faz de mim franqueza.
Ai quem me dera
Conservar a pobreza!

Simples e humilde
És verde lembrança.
Ai quem me dera
Viver na esperança!

És pequeno e frágil,
Morres na pujança.
Ai quem me dera
Ser, como tu, bonança!

Manuel Amândio

TEMOS O DIREITO À PAZ — Todos nós, homens, temos o direito à Paz, mas para que essa Paz apareça à flor da terra é preciso que nos unamos todos, porque a união faz a força. Em Portugal falta um partido que é o da Paz, a calma entre os partidos. Seria mais bonito e justo sermos todos irmãos, tratarmos-nos com amor, uns aos outros. O meu partido é este: a Paz, sermos todos irmãos e amar os homens, respeitando-os. Partido indispensável neste momento preciso da nossa vida. Vamos todos lutar para a Paz no mundo, para que este mundo que há-de vir seja livre e justo.

Eu fiquei muito contente quando o Sporting e o Benfica fizeram as pazes ficando amigos depois de longos anos de inimizades. Ali houve a Paz e o amor entre os dois grandes clubes e um deles é o meu; ainda mais contente fiquei e gosto muito do Sporting Clube de Portugal.

Que a Paz comece em Portugal e acabe no fim do mundo.

Para mim, fazem muita falta Casas como esta, pelo mundo fora, para amparar os miseráveis e os que passam fome, como já disse na primeira colaboração, no jornal datado de 1 de Fevereiro. São tantas pessoas, homens e crianças que morrem por este mundo tão desagradável, sem paz, sem sossego!

A Paz e a guerra são dois inimigos, que lutam pelo seu lugar, mas a Paz vencerá, quando todos os homens acordarem e olharem para a frente. Aonde está o caminho livre para a Paz?!

E desta vez é tudo, amigos leitores. Até breve, obrigado.

Fernando Tinoco

MIRANDA DO CORVO

GADO — Disseram-me há dias que quando eu escrevia uma crónica para «O Gaiato» era este sempre o tema que eu explorava. — Parece que mais nada há cá em Casa que valha a pena ser contado! — Não é tanto assim. Mas o que é certo é que são as pocilgas, capoeiras e vacaria que mais movimento têm e que mais cortam a rotina da nossa vida. Por isso não acho motivo de admiração em ser este o tema quase sempre por mim focado e ides ver se não tenho razão.

É rara a vez que, ao ver ovos, «Misturas» não me diga logo: «Hoje já meteram tantos» (o número é variável). Por mais que lhe diga: «As galinhas não metem, põem» — o «meteram» precede sempre o número de ovos daquele dia. Ontem foram noventa e um, hoje talvez sejam mais, pois tende a aumentar porque só metade das galinhas «meteram».



Victor Manuel («ex-Perigos») e Teresa Maria. Ele foi da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e casou na Figueira da Foz.

Há tempo, quando cheguei a Casa, veio dizer-me muito aflito: — «Está lá em baixo uma vaca doente. Não come, respira com muita força e está sempre deitada. O João já lhe deu remédio mas ela está na mesma». Fui ver a vaca e também a mim me pareceu aflita. Telefonei ao Veterinário e mal tinha pousado o telefone

já estava o «Sprint» a dizer: — «Olha! A vaca já morreu!» Pois morreu mesmo. Era nova e andava cheia. Não pudemos fazer mais nada senão enterrá-la.

Esta foi-me dada ao jantar: — «A porca teve vinte porquitos!» Eu disse-lhe: — «Estás maluco!»

Não estava não. É verdade, uma das porcas mais novas bateu o «record» das nossas pocilgas, que já lhe pertencia de dezassete, com uma ninhada de vinte porquitos. Eram muitos para ela amamentar! Assim, tirámos-lhe quatro e demo-los a outra porca que, no mesmo dia, havia tido só seis. Aceitou-os como aos filhos dela e como morreram dois da outra, estão as duas mais ou menos equilibradas.

Hoje foi um dos porquitos recém-nascidos. Não se sabe como, perdeu o equilíbrio. Pômo-lo de pé e ele cai. Cheguei lá baixo e perguntei por ele. Foi a um cobertor de «papa» velho e desembrulha-o de lá. — «Já lhe dei leite pelo biberon e já não morre». Eu é que não sou da mesma opinião e parece que ainda hoje tenho que passar uma certidão d'óbito.

Bom, por hoje chega. Acho que já disse o suficiente para me justificar. Só me resta pedir desculpa a quem não gosta deste tema.

Lita

CALVÁRIO

MISSA NOVA — Se no desenvolvimento da sociedade se procura um número cada vez maior de técnicas, terá de haver, também, um maior número de pessoas que se desprendam dos interesses materiais para se ocuparem da reflexão profunda de molde a que os Pobres se sintam defendidos e, sobretudo, amados. Será pois necessário que esse número se renove. Será assim uma garantia de uma cada vez melhor busca de um humanismo novo, permitindo aos homens de hoje o encontro de si mesmos. Os valores que são cada vez mais necessários, que transcendem tudo o que se afirma sobre o amor, fraternidade e outros termos usados hoje, só terão força na oração.

Tudo isto vem a propósito de nos sentirmos responsáveis na forma como verificamos a nobre missão a que agora o nosso Padre Abel se devota.

A ajuda não terá sido bem visível, mas cremos que foi aqui, neste meio de sofrimento que algo terá ditado grande parte da decisão agora tomada. Vimos na sua natural comoção ao dirigir-nos pela primeira vez, como Padre, as suas palavras. E realçamos mais isto pelo facto do nosso Padre Baptista ter assinalado de forma bem clara quanto o Calvário ficou responsável pelo cimentar da vocação do novo Padre.

Poderia dizer-se ou até fazerem-se grandes frases e manifestações por tal motivo. Mas não. Tudo simples, desde os abraços até à ceia, após o acto litúrgico, tudo celebrado no nosso salão.

Todos já nos tínhamos acostumado à sua presença alegre e bem disposta — como simples leigo. Pois

houve quem dissesse que era capaz o nosso amigo Abel!

de se esquecer de que é agora Padre. Porque deve ter sentido já há muito tempo as carências materiais, morais e físicas destes e de outros irmãos, mutilados pelo egoísmo, nós queremos desejar que a acção de Padre Abel seja para muitos homens um alertar constante e vigoroso para todos os homens, para que o mundo cresça em melhores condições humanas, culturais e, sobretudo, cada vez maior consideração na cooperação, de forma a que os homens reconheçam que Deus é a origem e o fim de todos nós. Se assim for, o apostolado que desejamos muito fecundo, será uma forma bastante forte para que haja mais unidade e caridade no meio de tanta liberdade tão mal compreendida. Que os homens saibam quanto vale uma doação para o destino que o Criador propôs ao Padre Abel.

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

POBRES

● Lembrem-se do caso daquele tropa? Continua na mesma. Todavia, como não tarda a ficar na disponibilidade, esperamos pacientemente. De contrário, insistiriamos. E talvez o caso, entretanto, fosse arrumado.

— F. pediu que lhe acudíssemos de novo. O calote na mercearia é muito grande — disse o tesoureiro. Já arrumou contas. Não interessa dizer quanto. Por vosso intermédio, Deus supre na hora própria.

● Há dias, a mãe duma Pobre veio ter connosco. Servimo-la. E fizemos a descrição do caso — tal e qual. Mas indicámos nomes de baptismo! A notícia correu. E não agradou a auto-suficientes. É pena!

Hoje, a pobre Mulher abordou-nos, uma vez mais. Fez a descrição do impacto. E pediu novo auxílio «até chegar a pensão».

Quanto à notícia, que transpira verdade, só nos penitenciamos dos nomes de baptismo que, geralmente, evitamos — por delicadeza cristã. E demos recado ao tesoureiro, a fim de partilhar do saldo que havia, cujo capital não precisa ser nacionalizado. É do Povo; dos Pobres.

O Mulher, descanse! Há pedras que não ferem. Revelam feridas... isso sim! Esqueçamos a tempestade e Deus permita que a pensão de sobrevivência não tarde. Já lá vão uns meses...



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Malanje

Já em cima da Páscoa, venho dizer-vos que passou em paz o nosso Natal. Paz e esperança.

Quem não sente, em todas as manhãs, renascer a esperança? Sempre as montanhas escuras, o planalto fértil, as colinas verdes.

Que paraíso, se não... as dores dos homens, nossos pecados e ambições desmedidas. Nossa carga. Necessário tomá-la todos os dias. E também, necessário e urgente, caminharmos livremente para o amor, fonte de justiça e paz para todos.

xxx

Vieram os amigos de todos os anos com sua ajuda e carinho. Eles sabem e nós por eles faremos ao Senhor uma oração.

xxx

Pessoa amiga levou-nos até ao Cafunfo, Quango e Loreno para pedirmos uma ajuda. Correu tão bem! Todas as pessoas nos receberam com carinho e generosidade.

Recebeu-nos no Quango, o sr. Administrador do Concelho, que é africano e chefe duma família numerosa — onze filhos. Sentou-nos à sua mesa — como irmãos. Os pais, os filhos e nós no repartir do pão.

Depois, o amigo sr. Águas levou-me a ver uma linda campina de mármore, grades de ferro e cristo de bronze. Linda!

Foi ele que mandou fazer para o seu afilhado de três anos, de cor, que morreu afogado.

RECEBEMOS — «Por alma de minha Avózinha, Cvrena», 210\$00. De Coimbra, um vale do correio de 150\$00 e «agradeço-vos conserveis o meu absoluto anonimato e pedi ao Senhor por mim». Outros — os nossos Leitores — pedirão também com certeza. No Espelho da Moda, 60\$00, «1.º semestre de 1975». Apreciamos muito, muito estes subscritores habituais. Mais 100\$00 de Lisboa. Idem, idem. Assinante 17022, 50\$00. Há quantos anos por aqui passa?! Em nossa mão, o dobro de um bom Amigo. Mais 50\$00, do Porto, assinante 5555 «para ajudar um pouquinho a Conferência». Agora, temos 500\$00 da av. Elias Garcia, Lisboa, «para ocorrer a qualquer necessidade mais urgente». Velha Amiga da Murtosa com 50\$00 «para os Pobres da vossa Conferência». O mesmo de S. João da Pesqueira, de «que pude nesta hora dispor». Mais a presença amiga de uma Figueirense. Mais 100\$00 da Covilhã. E a partilha simpaticíssima de «Uma Mãe» lisboeta. Outros 50\$00 do Campo 24 de Agosto, Porto. Mais uma partilha cristã, do Porto, assinante 10245. Ainda do Porto, 50\$00, assinante 11162. Finalmente, o costume da assinante 17740, de Lisboa.

Para todos, um muito obrigado em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

No meio do capim verde, a linda campina branca é, para mim, mais uma lição e prova de que podemos conviver como irmãos — sem sequer olhar ou pensar na cor da nossa pele.

xxx

— Quantos pretos tem? — perguntou-me um senhor.

— Somos noventa gaiatos... sem cor — respondi.

Padre Telmo

Páscoa

Cont. da PRIMEIRA página

coisas para entrar na Sua glória?» E, começando por Moisés e seguindo por todos os profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que Lhe dizia respeito.

Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. Os outros, porém, insistiram com Ele, dizendo: «Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso». Entrou para ficar com eles; e, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença.

Disseram então um ao outro: «Não estava o nosso coração a arder cá dentro, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» (Lc.24/13-32)

A fracção do pão! O grande sinal de Jesus vivo e actuante no meio dos homens!

Quem O procurar Libertador triunfalista, jamais O encontrará. Foi a ilusão dos Discípulos. É ainda hoje, para muitos, uma ilusão. É no partir do pão, na sua entrega aos que dele carecem, que Jesus Se manifesta e faz reconhecer, sejam as Suas Mãos a parti-lo, seja outrém em Seu Nome.

Foi a vocação de Pai Américo. No exercício dela, a quantos não abriu ele os olhos para o reconhecimento do Senhor! Rapazes, Doentes, Pobres... e tantos, tantos remediados de bens materiais e ricos de alma, que viram, ou viram mais conscientemente, o Mestre e se fizeram Seus discípulos!

Depois que os Discípulos O reconheceram, «Ele desapareceu da sua presença». É assim, escondido

Ainda vários donativos, produto do célebre dia de Trabalho Nacional. Ei-los: 564\$ da Póvoa de Varzim. Delegados Sindicais do Banco Totta & Açores-Porto, com 649\$10. Entregue no Lar, 356\$70. De 4 trabalhadores da Caixa de Previdência da CUF e Empresas Associadas, 833\$50. De alguns funcionários das Fábricas Mendes Godinho, 275\$. Mais um cheque de 250\$, de trabalhadores da Companhia União Fabril Portuense.

Do Teatro Sá da Bandeira, mais uma recolha de donativos depositados na caixa-mealheiro do busto de Pai Américo, que se encontra naquele teatro e que somou 13.758\$20, e uma nota de 10 francos, 1/4 de dollar e 27 pesetas.

Roupas da América. Mais delas de Gaia. E cá vai a nos-

tido como o fermento na massa, como a alma no corpo, que Ele age nos homens e pelos homens.

Ser Seu instrumento — que belo ideal, que fecundo programa a escolher nesta Páscoa e para sempre! Partir o pão e tudo o que ele figura; partilhar os valores do espírito e do coração — para que cada um de nós se construa, construindo; para que o mundo seja mais justo e harmonioso; para que cada homem seja mais homem, verdadeiramente livre no íntimo de si, capaz da felicidade que sonha e só por Ele, com Ele, nEle, se torna ao nosso alcance.

Padre Carlos



Mais duas netas da Obra, filhas do Manuel Amaral, ora em Cacia.

Do que nós necessitamos

sa recoveira do Bairro da Pasteleira, com 200\$, oferta de «Uma Mãe». 100\$ do Porto. Cheque de 3 contos, da Rua António Cardoso, daquele Amigo que, mensalmente, nos envia 1.000\$. Desta vez, são 3 meses juntos. Mais 200\$, por alma de Domingos Almeida. E 150\$ em honra de S. Judas Tadeu e Santa Rita. Sufragando a alma de Maria Ana e António, 100\$ de Lisboa. Ass. 19109, com 20\$. Mais da ass. 25151, da Rua D. João IV, da venda de papel velho, várias presenças. 50\$ de Carmelinda Santos, 100\$ duma vizinha e de Maria Áurea, 100\$ e 50\$. Do Entroncamento, 100\$. Por alma de Cristiano Oliveira, 500\$.

Figueira da Foz com 100\$. Funcionários do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, 400\$, pedindo a celebração duma Missa por alma de Manuel de Magalhães. Do Porto, 1.000\$, por uma graça recebida. Encomenda de Alcobaça. Roupas e vale de 450\$, de Abrantes, sufragando a alma dum ente querido. 50\$ do Porto. Do Monte Estoril, 100\$. Duas presenças, nossas conhecidas já, da Amadora. São os 100\$ mensais em selos de Correio. Cacia com 50\$. Anónima com 100\$. «Comecei agora a receber a pensão de velhice e lembrei-me de vós, repartindo convosco uma migalhinha, que vai junto a esta — 300\$».

Dum aumento de ordenado,

500\$. Por duas vezes, Clara e José Flores, com 70\$. «Por o meu filho ter conseguido emprego», 100\$. Entregue no Lar, 1.100\$. De Benedito Barros 12 metros de fazenda. 100\$ em cumprimento duma promessa. Com igual fim, 500\$. Dum Zé da Mealhada, 100\$ mais 100\$. Vestuário de Vilar Formoso e mais dele de Deolinda Boavida. 50\$ do Porto. Cheque de 100\$, por alma de Manuel. 500\$ da Invicta. Mais 100\$ duma anónima. «Uma Mãe» com 250\$, do primeiro ordenado. «Obra de Deus para os Pobres», com 50\$ por duas vezes. De Gaia, 100\$. Igual quantia de Alhandra. Dum empregado dos CTT de Lisboa, 100\$. Portuense Maria com 500\$. E duma rapariga lamecense, 1000\$.

Vale de 1.100\$, dos trabalhadores da Companhia Portuguesa do Cobre. Assinante com 100\$. Ass. 3978, com cheque de 4.000\$. Em memória de Elisa Marques, 100\$. De A.R.R.C.B., 500\$. Ass. 16264 com 330\$. E uma caixa de roupa, de 3 senhoras de Lisboa. Mais o que nos chega do Espelho da Moda, sempre que por lá passamos. E o que entregais à porta, no Lar do Porto. E o que aos domingos nos trazeis, quando nos visitais! Pois tudo isso recebemos, graças a Deus.

E uma Santa Páscoa, para todos, com sã alegria e muita saúde.

Manuel Pinto

LEGENDAS

... que a amizade dos nossos Leitores dita:

«No dia do aniversário das pessoas que mais amo — meu marido e minha filha — envio... para o livro «Barredo» que leio todas as noites como última oração.

Com pedido de uma prece por a minha família pedirei também a Deus que continue a abençoar-vos.»

«Caros amigos: Assim os considero pelo bem que me têm feito.»

«Desejando-vos as maiores felicidades, muito vos agradeço a ajuda que me têm prestado nos momentos de desânimo para levar a bom termo a educação de meus cinco filhos.»

«Juntamente com a minha doença e sofrimento vou recordando aqueles que como eu sofrem, mas sem amor de ninguém, sem medicamentos e sem resignação.

Pai Américo seja o mediador de todos os doentes para que o sofrimento se torne mais suave para todos.»

«O Galato» é aguardado com alegria e não fica uma letrinha por ler. É uma lufada de ar puro que entra nas nossas casas.»

«A dívida material fica paga deste modo. Quanto à dívida pelo bem espiritual, o Senhor a pagará e nós agradecemos a Ele e a vós com o maior reconhecimento.»

«Assinante n.º 10170, agradece o valor e regularidade do grande «O Gaiato» que, ao entrar na minha residência, sem fazer barulho, marca presença.»

«Tem esta o fim de enviar uma pequeníssima oferta para a nossa Obra, pois essa é a Obra de todos os homens principalmente de todos os cristãos.»

«Venho pedir o favor de me ser enviada a minha cartilha por onde rezo, com a nova direcção.»

«Espero sempre «O Gaiato» como quem espera notícias de um filho ausente.»

Editorial

Cont. da PRIMEIRA página

não foi, é. Está no meio de nós e fala. Ouvir-O e encarar à transparência da mensagem proferida «naquele tempo», os problemas de hoje, não é, de certo, ter encontrado a fórmula feita que os resolve, mas a pista válida que nos conduz a achá-la. Sem uma premissa, ao menos, o Homem não sabe concluir. Não presume dar o que não tem. A nossa Lei não é de auto-suficientes. Nem de menores!... A premissa tê-la-á se a quiser, se a escutar; mas a conclusão há-de ele procurá-la diligentemente, isto é, com toda a sua capacidade de inteligência e de amor.

De amor...! Mas não é agora o ódio, a violência, a «luta de

Comunicado dos Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal

Cont. da PRIMEIRA página

7.º — Exigimos que seja feita uma rigorosa averiguação quanto ao modo como os citados elementos se inseriram na nossa vida, tentando abalar as estruturas em que a Obra da Rua está montada;

8.º — Declaramos também que os assuntos focados na tese lida durante a 1.ª Assembleia Geral do Concelho de Setúbal são de nível interno, muito nossos, aos quais não estamos alheios; e que temos capacidade para os resolver e não precisamos que pessoas estranhas e desconhecedoras do que realmente somos, os venham resolver;

9.º — Queremos também chamar a atenção de todos para a maneira insidiosa e pouco clara como estes elementos se aproveitaram das consciências pouco esclarecidas para que não venham a cair em erros semelhantes;

10.º — Este comunicado foi elaborado e aprovado em várias reuniões realizadas na Casa do Gaiato de Setúbal, por todos os rapazes desta mesma Casa com mais de 14 anos, com a 4.ª classe e com pelo menos um ano de casa. Todos estes rapazes assumem a total responsabilidade do que nele é referido e salientam ainda que todas as reuniões e a própria redacção deste texto é da sua total iniciativa e sem a presença de alguém que os pudesse influenciar, como aliás foi verificado por dois elementos da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Setúbal e um elemento do M. D. M. que se apresentaram de surpresa e puderam verificar parte duma dessas reuniões que decorria na melhor ordem, sem ninguém a presidir ou a orientar.

Setúbal, 6 de Março de 1975

Pela Verdade, pela Justiça

Os Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal

classes» o último grito de modernidade?...! Pois se sim, escolhemos ficar ultrapassados: permaneceremos até ao limite da nossa pequenez em esforço de amor.

O Homem é o objecto do nosso amor. Estruturas, quem nelas dera sãs, justas — e bastaria que fossem conforme a Natureza! — mas não por preço de Homem. Este é o valor primeiro a que todos neste mundo se referem, mesmo as estruturas que o há-de servir. Encher com ele o alicerce da sociedade nova, que seria perfeita... — não.

Compreendo muito bem que os visitantes messiânicos da nossa Comunidade de Setúbal não sintam assim nem sofram que há 35 anos, sem aval do Estado, tenha nascido e crescido neste País uma Obra da Igreja que a Nação plebiscitou espontaneamente, como se prova na linguagem prosaica dos números necessários à sustentação do quase milhar que somos, numerário que o Povo tomou à sua conta.

O Povo, que eu perguntei aqui, há meses, quem era, afinal — ao que ninguém respondeu. Nem é preciso. Se não soubéssemos bem quem é o Povo, bastar-nos-ia saber quem o não é. Depois... uma simples subtracção estatística.

Padre Carlos

Aqui, Lisboa!

Paulo VI, na Sua Mensagem para o início da Quaresma, pede aos cristãos «uma solidariedade autêntica, uma solidariedade concreta, com os Pobres de Cristo». Nesta linha nos queremos situar, pois, até ao fim dos Tempos, os Pobres estarão com Jesus. Eles são os Seus parceiros, os Seus companheiros, Seus irmãos e irmãs. O cristão, precisamente por ser cristão, deve colocar-se ao lado dos desprovidos. Deve pôr o melhor do seu empenho em assisti-los nas suas necessidades mais urgentes. Não pode fugir de comprometer-se para os ajudar pelos meios ao seu alcance, para a edificação de um mundo melhor, de um mundo mais justo.

Ora, o mundo melhor e mais justo que pretendemos, deve realizar-se em dois planos: criação de estruturas cada vez mais humanas, onde todos tenham lugar, sem acepções de qualquer espécie; e uma «partilha generosa de bens e serviços, em favor dos mais necessitados» (Patriarca de Lx.), lutando no plano individual e colectivo contra a tentação de uma existência cómoda, devorante e de viver na opulência; antes partilhando com os irmãos os próprios bens e não apenas sobras. Tudo isto implica da nossa parte um compromisso sério e deve levar-nos a um

Só agora nos foi possível fazer o resumo das nossas contas de 1974. O Lita ao terminar o trabalho veio dizer-me, com certa graça: — Já reparou no total da receita e da despesa? Ainda sobejou para vivermos os primeiros dias do ano.

A despesa foi de 1.705.187\$70 e a receita de 1.718.698\$10. E o Lita dizia, com muita convicção, como conseguimos sem orçamentos, sem cálculos, sem mentiras, sem nada, chegarmos ao fim do ano com tudo tão certo.

Nós acreditamos que a base da nossa vida está alicerçada no Santo Nome de Jesus. Não conhecemos onde haja fonte mais constante e mais deliciosa.

No capítulo da despesa: concluímos e apetrechámos a Casa na Praia de Mira, construímos a casa para o João e pomos em casa cerca de cento e dez pessoas a viver em tudo.

No capítulo da receita a melhor ajuda foi a das Festas — 296.764\$40 — a viver em alegria e comunicar alegria aos que se encontram conosco; conseguimos isto. A seguir vem a venda de «O Gaiato» — 260.487\$50; os nossos mensageiros de terra em terra, de rua em rua, vão dando luz e recebem tanto carinho de quem os recebe. Depois vêm os peditórios nas igrejas, 219.384\$50; mais do que trazermos, procuramos que levem a alma inquieta aqueles que nos escutam e que, geralmente, nos escutam com sorrisos e lágrimas e gratidão.

Logo a seguir vêm os doativos de visitantes, pelo correio, à mão, de qualquer modo.

empenhamento permanente, que não a simples palavras ou demagogia fácil.

Vem a propósito dizer-se que nem sempre são os que mais falam os que mais fazem, antes pelo contrário e que é indispensável criar-se e manter-se um clima de consideração por aqueles que vão realizando alguma coisa. Neste capítulo, devemos afirmar, temos alguma autoridade para exigir respeito. Amar os homens, ajudando a promover os mais pobres é o nosso propósito. Se temos a consciência das deficiências e lacunas existentes no nosso trabalho, também sentimos, apesar da desproporção de meios existentes em relação a outros, que não é em vão que «mergulhámos» sem reticências ou calculismos nesta «aventura», até porque partilhámos com os mais fracos a nossa própria vida.

A terminar, é preciso reafirmar bem alto que a nossa vida é a do Evangelho. Se ansiamos por mais justiça e por estruturas sempre renovadas, jamais pregaremos, todavia, o ódio ou a violência entre os homens, certos de que «uma solidariedade autêntica e concreta» com os outros, sobretudo os mais pobres, não invalida o mandato de nos amarmos uns aos outros, incluindo os próprios inimigos.

TRIBUNA de COIMBRA

O trabalho dos nossos rapazes no campo, com o gado e nas oficinas é também grande fonte. Ai de nós se os nossos não trabalhassem o que está ao seu alcance! E ai deles se não fossem criados no amor ao trabalho e a defenderem-se!

Não podemos ocultar o nosso sentimento de alegria e gratidão ao Senhor e a todos aqueles que nos dão as mãos.

xxx

Comecei por dizer que só agora nos foi possível fazer o resumo das nossas contas. É que o Lita, que habitualmente faz este trabalho, anda preocupado com muitas coisas.

Ele fez o ano passado o 7.º ano e devia este ano frequentar Engenharia na Universidade.

Como não há primeiro ano, o rapaz tem continuado muito inserido na nossa vida: ele a olhar pelo gado e pela agricultura, ele a ajudar no curso de adultos, ele a ajudar a preparar os deveres escolares, ele com algumas contas a seu cuidado, ele agora chefe-maioral da nossa Comunidade.

Já lhe tenho dito que não deve haver, em Portugal, Serviço Cívico tão exigente e tão precioso como o seu. E que os portugueses responsáveis têm obrigação de atender a este seu serviço para no próximo ano o admitirem na Faculdade. O rapaz, como muitos, anda preocupado. Nós esperamos também na justiça dos homens responsáveis.

Padre Horácio

Dia Internacional da Mulher

As coisas não andam bem (nunca andaram!) pelas Casas do Povo.

Não podemos calar, por mor da Justiça, gravíssimas injustiças de que são vítimas algumas Mulheres de 70 anos e mais, trabalhadoras agrícolas, porque seus maridos já beneficiam do subsídio-reforma!

«Eles arrecebem e porque é q'a gente não arrecebe?! Olhe q'eu trabalho na Lavoura desde que nasci...»

Já «andámos de herodes para pilatos» a ver se conseguíamos um perfeito esclarecimento desta vergonhosa discriminação. Mas, até hoje, chegámos à conclusão de que as comissões, ditas administrativas, das Casas do Povo interpretam a seu bel-prazer a letra da lei ou despacho governamental e as Mulheres casadas e até algumas solteiras — o que é mais grave! — sofrem caladinhas o impasse ou, escamadas, cortam-lhes o pio com interpretações pessoais do regulamento, que tem sido manipulado sabe Deus como!...

Festeja-se o Dia Internacional da Mulher. Ora nós ficaríamos muito contentes se as intelectuais, melhor, as trabalhadoras intelectuais que presidem às comemorações, descessem mais ao povoado, ao concreto da vida e, sem demagogias fáceis e deletérias, se debruçassem consciente e seriamente no caso vertente e noutros — há tantos! — em que é preciso, diríamos fundamental, conceder direitos de cidadania à Mulher,

sem fazer dela aquilo que ela não é...

Para nós, estes pequenos-grandes problemas, que vivemos e sofremos no dia-a-dia, são e foram sempre dos mais graves atropelos aos Direitos do Homem (e da Mulher), aos Direitos do Povo.

Quem dera que o Ministério dos Assuntos Sociais encarregue um funcionário da Secretaria de Estado (dos muitos que há por lá, talvez no desemprego oculto...) e esclareça, ponto por ponto, numa simples ordem de serviço ou circular dirigida às Casas do Povo e aos órgãos da Informação, toda esta questão que se arrasta em prejuízo da produtividade dos serviços e dos seus legítimos beneficiários: Todas as Trabalhadoras agrícolas com 70 anos ou mais têm direito ao subsídio-reforma; solteiras, viúvas, casadas — mesmo que os homens já recebam... etc. etc.

Não é preciso muita conversa nem muitos articulados...

E como «não há ponto sem nó» — as Mulheres desculpam, com certeza, porque estão em causa muitas outras sacrificadas — perguntamos ao Ministério dos Assuntos Sociais qual o motivo porque os inválidos da Lavoura, com menos de 70 anos, sem inscrição nas Casas do Povo — a qual lhes chega a ser recusada! — não poderão receber um subsídio equiparado aos septuagenários.

Se não deram pela omissão, convém sanear-las.

Júlio Mendes



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa